

Espaços de violência em “Dina”, de Luandino Vieira, e “Mariazinha Tiro a Esmo”, de João Antônio

Solange Munhoz*

Em artigo de revista, Vima Lia Martin coloca em diálogo os contos “Dina”, do escritor angolano Luandino Vieira (1997, pp. 13-9), e “Mariazinha Tiro a Esmo”, do escritor brasileiro João Antônio (1976, pp. 5-9), para ilustrar a composição de personagens marginalizadas que aparecem com frequência na escritura de ambos os autores (2004, pp. 183-90).¹ Da leitura desse artigo nasceu o interesse em nos determos na análise dos mesmos relatos, considerando o espaço como uma categoria prioritária para o desenvolvimento da ação, à medida que interfere na caracterização das protagonistas femininas e ressoa na construção da subjetividade dessas personagens, que experimentam a violência em múltiplas facetas.

Nos dois contos, estamos diante de protagonistas jovens – cujos nomes dão título aos textos –, prostitutas, habitantes de bairros populares urbanos, a conviverem com uma classe social igual ou diferente da sua e com a qual se relacionam por vínculos de servidão. Ambas se afastaram ou perderam os pais ainda criança, mas não guardam por tais separações os mesmos sentimentos, tendo-as processado e experimentado de acordo com as particularidades de suas próprias vidas e do lugar onde estas transcorreram.

* Mestranda em Letras (USP).

¹ Neste ensaio, optamos por denominar os dois textos de contos. No entanto, devemos reconhecer que algumas particularidades dos relatos apontam para a problematização do gênero narrativo.

Para levar a cabo nosso estudo, apoiamo-nos nas idéias de Osman Lins, para quem o espaço,

no romance, tem sido – ou assim pode entender-se – tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com a sua individualidade tendendo para zero (1976, p. 72).

Antes, porém, vale a pena recordar que os livros nos quais os contos citados estão inseridos aparecem pela primeira vez na década de setenta, momento em que Angola e Brasil vivenciavam processos políticos castradores das liberdades individuais e coletivas ou de restrita comunicação com a sociedade. Enquanto aquele país lutava contra Portugal pela independência – e logo, enfrentava uma guerra civil de longa duração –, este vivia a experiência de uma ditadura militar que se acirrou no final da década de sessenta e começo da de setenta, mas que soube administrar sua saída do poder, deixando uma herança de mazelas ainda hoje não superada. Esse breve panorama objetiva situar os textos numa perspectiva histórica e social, bem como antecipar algumas das questões que serão explicitadas, principalmente na obra de Luandino Vieira, no que se refere ao aspecto político e à luta contra o Estado.²

“Dina” tem como marco temporal anunciado – maio de 1961 – o período-chave de organização, na sociedade civil, de movimentos guerrilheiros de libertação nacional.³ As ações correspondentes aos enfrentamentos entre as forças antagônicas do grupo de resistência e do grupo de repressão português poderiam se dar em diferentes espaços sociais, mas o autor decidiu ambientá-las no espaço físico limitado do musseque de Santa Rosa, vigiado por meio de um farol que tentava registrar os casos de subversão na comunidade. Nele vive Dina, e sua localização no momento em que o narrador se detém em sua figura,

² Em termos de biografia, de acordo com o que interessa para a nossa leitura, podemos dizer que assim como o autor angolano conhece bem o universo no qual se movem seus personagens, à medida que foi ele próprio um ativista político, o mesmo acontece com o autor brasileiro, que circulava pelo mundo da boemia e da marginalidade com aparente desembaraço.

³ Podemos citar a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) como alguns dos desencadeadores da luta armada contra o colonialismo português.

sentada na porta de sua cubata, serve como catalisadora da dinâmica da descrição do musseque, lugar pobre em que a única expressão de alegria – a das crianças que brincam – é interrompida bruscamente com a chegada da polícia.

Ao mesmo tempo vítima e testemunha da violência do Estado repressor, a protagonista viu seus pais serem mortos, assim como, anos depois, vê o assassinato de um velho pela repressão policial. Ao tentar salvá-lo, é nocauteada pelos policiais e, no máximo, consegue expor sua informação de testemunha (para portas e janelas fechadas e para a noite escura, diga-se de passagem), ao gritar: “– Mataram-lhe! Eu vi, mataram-lhe! Filhos da puta!” (p. 18).

Tal evento encerra o conto, que sugere a transformação radical da personagem de coadjuvante e dependente das premissas de vida de sua madrinha a sujeito de suas ações e participante da resistência contra a violência do Estado. No entanto, antes que isso aconteça, encontramos Dina em uma situação de extrema vulnerabilidade enquanto espera o soldado com quem deveria se prostituir contra sua vontade. Na porta da casa, pensava sobre o mal-estar que havia algum tempo a atormentava e se refletia em seu trabalho:

Essa coisa trepava, crescia parecia era capim com a chuva, amarrava-lhe no coração na hora que trabalhava e os fregueses começavam a refilar, cinqüenta escudos pagar assim para quê, dormir então com mulher de pau e outras coisas... (p. 14).

Em contrapartida, o mal-estar desaparece no final do relato. Apesar de ter sido presa pela polícia por defender o velho, a personagem se dá conta de que “dentro do corpo dela, aquele bicho tinha parado de roer” (p. 18), indicando a descoberta de um novo rumo para a sua vida.

Antes de chegar ao ápice do relato (o encontro entre Dina, o velho e a polícia), o narrador descreve o musseque e se fixa nas marcas das perdas que contam a história dos moradores e estão por toda parte: perda de privacidade e de liberdade de ação (por exemplo, pela presença da luz do farol, significativamente chamado de “olhos grandes”, e da força repressiva da polícia), perda de qualidade de vida (trabalhos informais e doenças), perda de segurança (exemplificada pelos tiros na noite e invasão das cubatas), dentre outros. Reconhecemos a solidariedade do narrador com as personagens desse espaço pelo discurso e riqueza de detalhes com que revela o reflexo das

perdas e das faltas observadas nos corpos, nas coisas e, inclusive, na própria natureza, conseguindo com esse procedimento provocar no leitor a noção (de re-conhecimento) do ambiente do musseque. Vejamos isso em três trechos do conto:

Dina estava lá, nessa hora do fim da tarde, quase sem sol já, sentada na porta da cubata, coçando as pernas. *As moscas não lhe largavam na ferida, e as mãos já sabiam mesmo o jeito de lhes enxotar;*

(...) as pessoas voltando no serviço iam-se escondendo, guardar sua tristeza ou alegria nas *cubatas pequenas e escuras;*

Mas não, não pode se lembrar assim nessa hora que o *sol escondia envergonhado* da luz amarela, parecia era azeite-palma, dos quatro olhos dos projectores desrespeitando os segredos dos musseques (pp. 13-4, grifos nossos).

Vale ressaltar que, ao longo do conto, a riqueza das descrições não se resume aos elementos visuais para a construção da ambientação do espaço. Outros sentidos, como o auditivo – os ruídos (tiros) e gritos (de inocência do velho ou de acusação de Dina quanto à atitude da polícia) –, são considerados e se harmonizam com a caracterização do musseque como sendo o lugar do medo.

No entanto, o ponto máximo das perdas acontece quando Dina testemunha o assassinato do velho, momento que, por outro lado, acaba sendo de descoberta da causa de suas próprias insatisfações com a vida que a realidade histórica e social e a sua madrinha lhe proporcionavam.⁴ Nesse sentido, a imobilidade física de Dina – sentada na porta de sua cubata – contrapõe-se à intensidade de suas emoções, voltadas para sua insatisfação com o trabalho de se prostituir com o soldado português e para a recordação da morte violenta dos pais.

De acordo com Antonio Candido, “os elementos que um romancista escolhe para apresentar a personagem, física e espiritualmente, são por força indicativos” (1976, p. 78). Se observamos a construção de Dina como personagem, damos-nos conta de como os acontecimen-

⁴ Alguns dos conflitos entre colonizadores e colonizados e os mecanismos de sobrevivência ou ascensão social em Luanda podem ser detectados na seguinte fala da madrinha: “– Quando você vai ter dezesseis, já sabe, minha filha! Sô Tonho te quer na cama dele. Prometeu na tua felicidade! Juízo, menina! Um bom branco, como ele, te pode dar mesmo casamento!” (p. 16).

tos violentos que testemunha no espaço do musseque afetam sua subjetividade e alimentam a mudança de postura que culmina com a sua rebeldia contra algumas facetas da opressão, evidenciando o crescimento da consciência política. Por um lado, aponta a injustiça de que foi vítima o velho que vê morrer; por outro, promete a si mesma que não mais dormirá com os soldados da tropa portuguesa.

Já em “Mariazinha Tiro a Esmo”, o tempo da narrativa não está claramente delimitado, mas os principais espaços por onde se move a personagem estão referidos. Dessa forma, se ampliam com a movimentação da personagem pela Zona Sul do Rio de Janeiro e por bairros populares e favelas – a Rocinha, o Morro São Carlos, ou alguma das outras onde se esconde cada vez que é perseguida. Entretanto, para efeito de nossa análise, poderíamos restringi-los a Copacabana e, de modo genérico, à favela, sendo que ambos estão marcados pelas precariedades na vida da personagem e pela ubiqüidade da violência.

O próprio título do conto aponta para o centro do texto e sintetiza a relação entre violência, espaço e personagem; basta atentar para a locução “tiro a esmo”, que funciona como sobrenome e qualificador de Mariazinha. Enquanto a palavra “tiro” evoca a idéia de violência, mas não deixa de sugerir a noção de espaço ao remeter à distância que a munição pode alcançar, as palavras “a esmo” compõem uma expressão que, em uma de suas acepções, enfatiza a ausência de uma meta localizada no espaço e a idéia de errância. Entre Copacabana e a favela, Mariazinha vaga, metamorfoseando-se de acordo com os olhares dos freqüentadores desses lugares e fragmentando seus desejos ou planos para o futuro – na verdade, a luta pela sobrevivência costuma situar Mariazinha entre os acontecimentos do passado ou do presente.

Sobre o primeiro aspecto, das diferentes miradas para a personagem, os trechos abaixo são ilustrativos da dubiedade que caracteriza os olhares e as experiências de Mariazinha. No bairro de classe média em que trabalha como olheira:

É, para os leigos, apenas atraente e bronzeada, principalmente para os que não lhe viram os dentes. Para os distraídos e pacatos, para os fariseus ou não iniciados em malandragem dos morros e dos becos do Rio, mais uma garota bonita em Copacabana. Veste na onda e está a fim de ser paquerada. É o que pensam os rapazes passando de carro ou mesmo a pé na calçada da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, Posto Cinco e Meio (pp. 5-6).

Mas também estabelece vínculos com a favela onde mora ou se esconde:

Branca, ainda assim Mariazinha Tiro a Esmo é uma peça. Meteram-lhe esse nome lá pelos altos encardidos da Favela da Rocinha, num ponto de pivetes tão tumultuado, tão cheio de movimento, rumor e estripulias que ali acordar era fácil, dormir é que não.

Direitinha, como diriam os últimos rapazes, família da Zona Sul. Ela tem picardia e está na dela, como dizem os tipos amalandrados dos becos e das favelas. Dissimulada em seu trabalho, matreira trabalhando na boca do mocó, indo e vindo na baba de quiabo, enganando otários e pacatos, ela sobrevive (p. 5).

Em constantes idas e vindas, aos catorze anos (mas com aparência de dezenove), Mariazinha carrega consigo marcas de padecimentos de violências que começaram na sua própria casa, com o mau tratamento dado pelo pai, que a violou. O histórico pode ser complementado pela ausência da mãe, a falta de comida e as surras que levava dos garotos. Dentre suas estratégias de defesa, estão as fugas, inclusive da polícia, e a transgressão da lei e a violência – por exemplo, “meteu gilete no escorregador de uns meninos que a surravam” (p. 8).

Sobre o segundo aspecto, da fragmentação de seus desejos, temos que os deslocamentos, por trabalho ou por fuga, colocam Mariazinha em contato com dois universos de valores que competem entre si como pólos de atração entre o possível e o desejável. Quando tem voz, por meio do discurso direto, para comentar sua condição de prostituta, a personagem apresenta alguns dos conflitos que enfrenta como indivíduo, mas que têm ressonância no tecido da sociedade brasileira. Reconhecendo-se como prostituta, entende que a culpa por sua condição está em outra esfera de responsabilidade: a que aponta para a sociedade. Porém, quando se trata de mudar essa circunstância, Mariazinha parece colocar na mão do outro, ou melhor, no querer do homem, a responsabilidade pela transformação, adotando uma postura conformista. O trecho abaixo reflete essa idéia – como sugerem os verbos modais e o tempo condicional –, bem como insinua que Mariazinha valoriza um modo de vida que se assemelha ao de parte das pessoas que moram no bairro da Zona Sul onde trabalha: enquanto o desejo de “ter um homem só” remete à idéia de união estável –

e até de casamento na sua concepção mais conservadora –, “um carro só” remete ao poder econômico e ao consumo de certos bens:

– Sou piranha, e daí? Eu tenho a culpa? Acho que não gostaria de ser. Seria bom ter um homem só com um carro só. Parece que seria legal. Mas está aí uma coisa que eu acho que os homens não querem (p. 9).

“Dina” e “Mariazinha Tiro a Esmo” são, portanto, relatos que trazem à tona as marcas da situação política, social e econômica que vivenciam grupos sociais marginalizados das sociedades de Angola e Brasil, ao focalizarem personagens femininas que sobrevivem com o que conseguem arrecadar prostituindo-se ou realizando pequenos delitos. Para a caracterização das personagens, destaca-se a descrição dos espaços por onde se movem, os quais, ampliados ou reduzidos, são retratados como opressores.

No entanto, os resultados da opressão são diferentes nos dois casos: Mariazinha encontra formas de sobrevivência em cada um dos lugares por onde passa, mas é incapaz de alterar o espaço ou sua própria condição e história individual, tampouco tem esta expectativa, apresentando em seu discurso um tom de resignação. O contrário se passa com Dina, que identifica o motivo de seu mal-estar, relacionando-o com a dominação portuguesa e as injustiças de que eram vítimas os moradores do musseque. Sendo assim, consegue afirmar-se no presente, investindo contra ações violentas da polícia, e projetar mudanças na sua vida para o futuro.

Referências bibliográficas

- ANTÔNIO, João. “Mariazinha Tiro a Esmo”. In: _____. *Malhação do Judas carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- MARTIN, Vima Lia. “Exclusão social e composição de personagens na ficção de João Antônio e de Luandino Vieira”. *Via Atlântica*, 7: 183-90. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2004.
- VIEIRA, Luandino. “Dina”. In: _____. *Vidas novas*. Lisboa: Edições 70, 1997.

Resumo

Este texto discute a relação entre a representação do espaço urbano violento e a caracterização das personagens femininas principais dos contos “Dina”, de Luandino Vieira, e “Mariazinha Tiro a Esmo”, de João Antônio.

Palavras-chave: Luandino Vieira · João Antônio · espaço · violência · personagens femininas

Abstract

This essay discusses the relation between the representation of the urban violent space and the characterization of the main feminine characters of the short stories “Dina”, by Luandino Vieira, and “Mariazinha Tiro a Esmo”, by João Antônio.

Keywords: Luandino Vieira · João Antônio · space · violence · feminine characters

Instruções para envio de trabalhos

Diadorim: revista de estudos lingüísticos e literários aceita textos inéditos, em língua portuguesa, elaborados por docentes e estudantes de pós-graduação.

Os trabalhos que se enquadram no perfil da publicação são submetidos ao conselho editorial e analisados por dois pareceristas *ad hoc*.

O envio do artigo implica automaticamente a cessão dos direitos autorais ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, para veiculação impressa e eletrônica.

Temática

As edições de número ímpar se dedicam aos estudos literários e as de número par se atêm aos estudos lingüísticos.

No tocante aos estudos literários, aceitam-se colaborações concernentes a:

- ♦ Literatura Brasileira: poesia, narrativa, abordagens interdisciplinares;
- ♦ Literaturas Portuguesa e Africanas: poesia, narrativa, relação entre cultura e arte, relação entre memória, história e literatura.

Quanto aos estudos lingüísticos, os trabalhos podem versar sobre:

- ♦ Variação e mudança da língua portuguesa nos planos sincrônico e diacrônico;
- ♦ Ensino de português;
- ♦ Relação entre gramática e discurso.

Normas

1. O trabalho deve ter extensão máxima de quinze laudas (ou 31.500 caracteres com espaços) e vir acompanhado de resumo (de até 830 caracteres com espaços) e três a cinco palavras-chave, com *abstract* e *keywords* em inglês.

2. Formatação: papel A4, margens de 3 cm, fonte Times New Roman, corpo 12, parágrafos justificados, primeira linha com recuo de 1 cm, espaçamento 1,5.

3. Estrutura: título centralizado na primeira linha, nome do autor alinhado à direita na segunda linha, subtítulos das seções em negrito e sem recuo de parágrafo.

4. Citações bibliográficas: o sobrenome aparece apenas com a primeira letra em maiúscula. Ex.: Lopes (2003, p. 18); (Lopes, 2003, p. 18).

5. Notas: se necessárias, devem constar do rodapé, com corpo 12 e espaçamento 1,5.

6. Referências bibliográficas: apresentadas ao final do texto, de acordo com as normas da ABNT.

Exemplos

Livro

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

Ensaio em periódico

MAFFEI, Luis. “Herberto Helder, sim, o poema contínuo”. *Diadorim* 1, pp. 169-80, 2006.

Capítulo de livro

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. “Literatura e mestiçagem”. In: SANTOS, Wellington de Almeida (org.). *Outros e outras na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Caetés, 2001, pp. 89-110.

Dissertações e teses

BONDARCZUK, Simone de O. Gonçalves. *Gramaticalização da partícula hoti no grego antigo*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

Documentos eletrônicos

ALVES, M. M. “Mundo dos loucos”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 dez. 2000. Disponível em <http://www.oglobo.com.br/colunas>. Acesso em 20 dez. 2000.

Envie seu texto por e-mail, em dois arquivos diferentes: o primeiro sem identificação de autoria e o segundo acompanhado de nome, função e instituição.

posverna@letras.ufrj.br